

1984 E OS PROLETAS¹

1984 AND THE PROLES

Valeria Silva de Oliveira
Mestre em Letras
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(voliveirj@gmail.com)

RESUMO: Seguindo a tradição distópica e influenciado pelo contexto histórico e social em que vivia, Orwell lança um olhar para o futuro a partir de 1949, na tentativa de alertar para as tendências sociais e políticas que poderiam se tornar catastróficas no futuro. A história das sociedades mostra que é comum, dentro de um contexto de instabilidade política e de desesperança, o surgimento da figura do mártir, ou seja, daquele capaz de se sacrificar em prol de um bem maior. É justamente em um contexto similar que Winston Smith começa a depositar todas as suas esperanças em uma camada da população que considerava livres: os proletas. Porém, teriam os proletários alguma chance de emancipação? Nesse artigo, analiso a partir de uma perspectiva histórica e a partir das experiências vivenciadas por Orwell, as possíveis motivações para o surgimento da obra e da representação dos proletas como uma classe social marginalizada. Observo também as possíveis crenças de Orwell sobre esse mesmo grupo social a partir das falas de Winston Smith, O'Brian e do livro proibido de Goldenstein. A análise desses discursos sugere que os proletários não teriam nenhuma chance de emancipação devido à falta de recursos, principalmente intelectuais.

Palavras-chaves: Proletas; Oceania; Distopia

ABSTRACT: Following dystopian tradition and influenced by historical and social context, in which he lived, George Orwell takes a look ahead from 1949, in an attempt to warn about social and political trends that could become catastrophic in the future. The history of societies shows us that it is common, within a context of political and social instability and hopelessness, the emergence of the martyr figure – i.e. a person capable of sacrificing himself/herself for the sake of a greater good. It is precisely in this context that Winston Smith begins to put all his hopes in a population layer that he considered to be free: the proles. However, would the proles have any chance of emancipation? In this article, I try to analyze both from a historical perspective and Orwell's life experiences as possible sources of motivation to create this novel and the proles represented as an outcast class. Besides, I also observe Orwell's possible beliefs on this very social group by analyzing Winston and O'Brian's speeches and the prohibited Goldstein's book. These analyses suggest that the proles would have no chance of emancipation due to lack of resources, especially the intellectual ones.

Keywords: Proles; Oceania; Dystopia

Introdução

A obra **1984** de George Orwell, escrita em 1959, é considerada uma distopia dentro do gênero de ficção científica no contexto de estudos literários. Trata-se da descrição do futuro tenebroso de uma sociedade que, submetida a um regime

¹ Proletas = proletários em Orwelliano

de natureza totalitária, encontra-se em estado de guerra por tempo indeterminado.

O cenário bélico gera um sentimento de insegurança e desespero entre muitos membros da sociedade. Dentro desse contexto instável, é comum a presença daqueles que acreditam no surgimento de um grupo ou de um indivíduo especial, dotado de discernimento sobre o que é bom ou ruim para a sociedade e disposto a lutar contra as injustiças. É assim que, Winston Smith, um dos personagens principais e motivado pelas circunstâncias, encontra esperança nos proletários ou proletas – em *Orwelliano*. Winston deixa explícito na narrativa que, em sua opinião, esse grupo de trabalhadores constituiria a única classe livre. Nosso protagonista parece acreditar que essa liberdade conferiria aos proletários o poder necessário para reagir contra o sistema vigente. Porém, teriam os proletários alguma chance?

Objetivando analisar a questão supracitada, pretendo tecer reflexões não só sobre conceitos literários pertinentes à obra, como também sobre fatos históricos relevantes, além de informações significativas da vida do autor. Assim, esse artigo discorrerá brevemente sobre o que seria uma literatura distópica. Em seguida, para melhor entendermos as possíveis fontes de inspiração de Orwell, comentarei sobre o contexto histórico em que a obra foi escrita, já que, segundo Kiser e Drass (1987), um estudo da obra que leve em conta uma perspectiva do sistema mundial contribuiria para uma análise detalhada da produção literária do referido período. Nas seções subsequentes, falarei do autor segundo Hitchens (2002) e sobre como George Orwell, em 1949, possivelmente influenciado pelo clima e sentimento europeu da época, construiu e descreveu Oceania como uma cidade do futuro sobrevivente do pós-guerra. Finalmente, descreverei quem seriam os proletários na visão de Winston e o destino aparentemente predestinado dessa classe trabalhadora segundo Orwell.

1984 de George Orwell e a distopia

Segundo Fitting (2009), embora o termo '**Utopia**' tenha surgido com o clássico **Utopia** de Thomas More, ele só foi utilizado para se referir como gênero literário no século XIX. A **Utopia** caracteriza-se pelo otimismo e pela esperança por um mundo melhor. Sua importância está na sua natureza sociológica já que esse tipo de literatura apresenta uma realidade e conceitos alternativos à sociedade

vigente. Segundo Drass e Kiser (1987) o surgimento de literatura utópica é comum em períodos de crises políticas e econômicas na história de um país quando “discussões sobre alternativas são não apenas toleradas, como também encorajadas²” (*op.cit.*, p. 287). É importante observar que esse mesmo período de crise econômica, política ou social inspira também o surgimento de outro tipo de literatura mais pessimista através da qual são manifestados a desesperança e sentimentos contrários à ordem vigente. Recentemente, por exemplo, o escritor francês Michel Houellebecq divulgava seu romance controverso que descreve uma França liderada por um presidente muçulmano. Esse romance foi escrito em um período historicamente contemporâneo em que se constata um crescente desconforto no continente europeu em relação aos imigrantes muçulmanos e ao terrorismo³.

A distopia ou anti**Utopia** é um conceito adotado por vários autores para referir-se à manifestação de uma visão crítica e pessimista da sociedade através da obra literária. Sargent (FITTING, 2009, p.126) define como ‘distopia’ ou ‘**Utopia** negativa’ a obra literária em que o autor descreve detalhadamente uma sociedade inexistente localizada no tempo e no espaço, para mostrar ao seu leitor a possibilidade de uma sociedade infinitamente pior do que a que o leitor vive. Fitting (2009, p. 127), citando Moylan, acredita que “(...) muitos escritores de ficção científica voltaram-se para estratégias distópicas como uma forma de chegar a um acordo com a realidade social que se encontra em constante mudança⁴”. Assim, a distopia permite desconstruir a tradição e reconstruir alternativas pessimistas, alertando para como as piores das hipóteses podem se realizar. A narrativa se revela como um alerta para as tendências políticas e sociais que podem se tornar catastróficas no futuro. Dessa forma, o resultado desse processo criativo é a manifestação do desespero sobre o futuro da humanidade.

Acredita-se que, depois de Orwell em **1984**, dificilmente se teria algo mais a dizer tamanha sua criatividade e precisão em antecipar formas mais avançadas de uso da tecnologia vigente – que, de fato, se realizariam dentro dos 60 anos

² Tradução feita por mim: “Therefore, discussion of alternatives is not only tolerated but encouraged.”

³ O autor suspendeu a promoção de seu livro após o ataque à revista Charlie Hebdo em 07/01/2015. (fonte: www.odiaradio.com, acessado em 01/09/2015)

⁴ Tradução feita por mim. Original: “(...) several sf writers turned to dystopian strategies as a way to come to terms with the changing, and enclosing, social reality.”

subsequentes - e de assustadoramente sugerir, ou até mesmo prever, o resultado catastrófico do mau uso dessa tecnologia em prol de um governo totalitário.

Além de tratar de governos totalitários e autoritários, outra característica das distopias segundo Keller (2008, p.102), é a presença de uma maioria da população que não reflete criticamente sobre suas reais condições de vida e nem sobre as propostas e iniciativas do governo, aceitando-as facilmente. Essa característica pode ser observada nos proletários de **1984**.

Inspirados pela originalidade de Orwell, muitos autores de histórias distópicas, como Alan Moore e David Lloyd em **V for Vendetta**, por exemplo, aproveitaram muitas das suas ideias sobre o uso da tecnologia para fins de monitoramento e sobre a massa intelectualmente acrítica presentes em **1984**.

As distopias tratam não só de narrar uma visão pessimista da sociedade, mas também se preocupam em descrever o pior do ser humano enquanto membro de uma comunidade organizada e em suas relações interpessoais. Assim, a deterioração, em diferentes formas, da qualidade dos relacionamentos humanos, principalmente se esses relacionamentos forem de natureza romântica, parece ser também um tema recorrente dentro das distopias. Em **V for Vendetta**, Evey e V tem suas chances de romance condenadas pelas circunstâncias desde o início da narrativa. O mesmo acontece em **1984** com Winston e Julia. A promiscuidade de Lenina em **Admirável Mundo Novo** leva ao seu assassinato e posterior suicídio do autor do crime, John, O Selvagem. Essas histórias parecem narrar um mundo onde não há esperanças.

Segundo Baccolini (2004), mesmo que a distopia não permita a presença da esperança dentro da narrativa, já que é baseada em preceitos tão pessimistas, é possível a esperança fora dela. Espera-se que o leitor tome a obra como aviso, para que nunca venha a conduzir a sociedade conforme apresentado e, assim, possa escapar de um futuro tenebroso. Em **1984**, por exemplo, embora não haja esperanças para Oceania e nem mesmo para Winston Smith, o mesmo contraditoriamente deposita a esperança em uma camada social formada pelos proletários. Essa relação utópica dentro da sociedade distópica de Oceania será discutida mais adiante.

Conforme já observado por alguns críticos literários (KISER; DRASS, 1987), a publicação de literatura utópica foi afetada pelas mudanças sócio-históricas

e econômicas ocorridas principalmente entre 1883 e 1975. Nesse sentido, assim como Kiser e Drass (1987), acredito que o conhecimento de fatos sociais, econômicos e políticos possam ser relevantes para contribuir para um melhor entendimento da obra literária produzida na época. A seguir, descreverei brevemente o contexto histórico que possivelmente inspirou o pessimismo de George Orwell representado na referida obra.

Contexto histórico

Segundo relatos de algumas pessoas que testemunharam o século XX, esse foi o mais terrível, intolerante, catastrófico e violento século da história (HOBSBWAN, 1994). Segundo René Dumont, agrônomo e ecologista francês, “Vejo-o apenas como um século de massacres e guerras” (*op.cit*, p. 11). Já Yehudi Menuhin, músico inglês, afirma que “Se eu tivesse que resumir o século XX diria que despertou as maiores esperanças já concebidas pela humanidade e destruiu todas as ilusões e ideais” (*op.cit*, p. 12).

A partir de uma visão panorâmica, Hobsbwan (1994) afirma que uma das características mais marcantes do final do século XX foi a destruição do passado ou de qualquer vínculo que existisse com as gerações passadas. Assim, “Quase todos os jovens de hoje (1994) crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem” (HOBSBAWN, 1994, p.13).

Discorrer sobre todo o século XX fugiria do escopo do presente trabalho. Portanto, comentarei brevemente sobre o que acontecia por volta de 1914-1950, para que seja possível compreender o clima que provavelmente inspirou o surgimento da obra **1984**, de George Orwell.

Ocorre que de 1914 a 1917 e de 1939 a 1945 aconteceram duas grandes guerras conhecidas como I Guerra Mundial e II Guerra Mundial, respectivamente. O continente europeu foi o cenário dessas duas grandes guerras que, na realidade, envolveram países de diversos continentes. A primeira Guerra Mundial, que ocorreu por razões de natureza imperialista, teve como estopim o assassinato do austríaco Francisco Fernando, o herdeiro do trono austro-húngaro. O império austro-húngaro declarou guerra à Sérvia já que não tomou as providências cabíveis de entregar o autor do assassinato, um ativista radical sérvio, dentro do prazo estipulado. Alguns

países se alinharam a Servia e outros ao Império austro-húngaro. E assim, por uma questão diplomática mal resolvida, se deflagrou a I Guerra Mundial. Foi nesse período que se iniciou a guerra aérea que atingiu sua maioridade na Segunda Guerra Mundial como meio de aterrorizar civis, segundo Hobsbawn (1994). Como balanço e consequências da Primeira Guerra Mundial houve o deslocamento da supremacia financeira, econômica, política e militar para os Estados Unidos, milhões de mortos e mutilados resultando na perda significativa da mão-de-obra na Europa, o surgimento do primeiro Estado socialista da história na Rússia e uma radical mudança no mapa europeu com vários países tendo seu território ampliado ou diminuído.

No período entre guerras, mais precisamente em 1917 ocorreu a derrubada do regime czarista na Rússia e a substituição pelo primeiro Estado socialista da história. Esse fato, que ficou conhecido como Revolução Russa (Revolução Bolchevique ou Revolução de Outubro), pretendeu dar um sinal ao mundo. Segundo Hobsbawn (1994, p. 62-63),

Parecia óbvio que o velho mundo estava condenado. (...) A humanidade estava à espera de uma alternativa em 1914. Os partidos socialistas com o apoio das classes trabalhadoras em expansão em seus países, (...) representavam essa alternativa (...). Aparentemente, só era preciso um sinal para os povos se levantarem, substituírem o capitalismo pelo socialismo (...)
(A Revolução de Outubro) Foi feita não para proporcionar liberdade e socialismo à Rússia, mas para trazer a revolução do proletariado mundial.

Durante os primeiros anos do período conhecido como 'entre guerras' (1918-19) houve uma crença, principalmente em Moscou, de que a partir dessa Revolução de Outubro seria disseminada a ideia de revolução do proletariado mundial. Embora 1919 tenha sido ano expressivo em termos de agitação social ocidental, é importante destacar que foi somente devido ao cenário instável de guerra que surgiram as simpatias nos movimentos socialistas que "(...) emergiram da guerra mundial ao mesmo tempo radicalizados e muitíssimo fortalecidos" (HOBBSAWNSN, p. 75).

Em 1929, iniciou-se uma grande crise econômica mundial resultante da superprodução e da especulação financeira aliados ao alto índice mundial de desemprego. Era a decadência do capitalismo liberal baseado na livre concorrência.

Esse colapso econômico, que repercutiu mundialmente, preparou um terreno fértil não só para a Segunda Guerra Mundial, mas também para ascensão e fortalecimento dos regimes totalitários, já que agora se justificava uma maior intervenção do Estado na economia. Surgiram assim as condições ideais para o estabelecimento dos regimes nazifascistas. Esses governos implacáveis estavam decididos a acabar com o desemprego e fortalecer a economia a qualquer custo. Segundo Hobsbawm (1994, p. 112),

(...) à medida que crescia a maré do fascismo com a Grande Depressão, tornava-se cada vez mais claro que na Era da Catástrofe não apenas a paz, a estabilidade social e a economia, como também as instituições políticas e os valores intelectuais da sociedade liberal burguesa do século XIX entraram em decadência ou colapso.

Foi a direita, e não a esquerda que passou a ser uma ameaça ideológica à civilização liberal e ao governo constitucional e representativo. As forças que derrubavam os regimes liberal-democráticos eram três: “todos eram contra a revolução social”, “todos eram autoritários e hostis às instituições políticas liberais” e “todos tendiam a ser nacionalistas” (HOBSBAWN, 1994, p.116-117).

Em termos gerais, esses governos totalitários caracterizavam-se pelo antiliberalismo, anticomunismo, expansionismo, nacionalismo exacerbado, ênfase a muitos valores tradicionais/ conservadores (por exemplo, as mulheres deviam ficar em casa e ter muitos filhos), fabricação de tradições apelando para a invenção do passado, militarismo e à reprodução seletiva através da manipulação genética e eliminação de incapazes e racismo. Esse tipo de governo, segundo Hobsbawm (1994, p.122), “(...) forneceu a prova de que o homem pode, sem dificuldade, combinar crenças malucas sobre o mundo com um confiante domínio de alta tecnologia contemporânea”.

Com a ascensão de Hitler ao poder, houve o rápido desenvolvimento do exército, da marinha e da aeronáutica, além do desencadeamento de uma série de agressões e anexações territoriais na década de 30. Essas agressões foram toleradas pelas nações democráticas até 1939, quando a Alemanha Nazista, seguindo tendências expansionistas, invade a Polônia dando início à Segunda Guerra Mundial. Esse seria o início de longos anos de dor, sangue, campos de concentração, repressão, resistência, suor, lágrimas e desesperança. Esses anos se seguiram até 1945 com a vitória das potências Aliadas (Grã-Bretanha, Estados

Unidos e União Soviética) sobre as potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Em 1947, dois anos após a Segunda Guerra Mundial, teve início o período conhecido como Guerra Fria. O mundo agora se encontrava dividido sob a tensão criada pela existência de duas novas potências que formavam dois blocos antagônicos: Estados Unidos e União Soviética. Uma Terceira Guerra Mundial era temida. Orwell começou a escrever **1984** justamente no momento em que crescia um medo mundial de um apocalipse atômico. Felizmente, essa tensão daria lugar a uma coexistência pacífica a partir de meados de 1950.

Esta seção objetivou tecer breves comentários sobre os fatos históricos mais importantes que certamente passaram pelos sentidos daqueles que viveram na época. A seguir, serão trazidos à luz alguns fatos da vida de George Orwell a fim de contribuir para o entendimento da perspectiva a partir da qual a obra **1984** foi narrada.

O Autor e *Why I write* (1946)

George Orwell, pseudônimo usado por Eric Arthur Blair, nasceu em 25 de junho de 1903, na Índia, onde seu pai trabalhava para o império britânico. Estudou em colégios tradicionais da Inglaterra, foi jornalista, crítico e romancista. Considerado um dos maiores escritores do século XX, faleceu de tuberculose em 21 de janeiro de 1950, em Londres.

Os anos que se passaram entre 1917 a 1950 foram tensos, marcados pela incerteza, insegurança, medo e pela opressão. George Orwell não só testemunhou esses anos de terror como também interagiu com eles, principalmente quando serviu temporariamente na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) como um dos milhares de membros das Brigadas Internacionais.

(...) Registrei alguns acontecimentos externos, mas não consigo registrar os sentimentos que eles deixaram em mim. (...) o odor das trincheiras, as alvoradas nas montanhas estendendo-se a distâncias inconcebíveis, o pipocar gelado das balas, o estrondo e clarão das bombas; (...) e a cadência das botas no pátio do quartel (...) os rostos dos milicianos – homens que eu conhecera na linha de frente e que estão agora espalhados sabe Deus por onde, alguns mortos em batalha, outros mutilados, outros na prisão (...). Essa guerra, na qual desempenhei papel tão insignificante, deixou-me recordações más, em sua maior parte, mas ainda assim eu não desejaria deixar de tê-las. (ORWELL, 1967, p. 230)

Como voluntário estrangeiro, foi para Espanha lutar na guerra civil ao lado dos republicanos contra os franquistas, que eram de natureza fascista. Tal experiência certamente deixou marcas que influenciariam seus trabalhos posteriores.

No artigo *Why I Write* (ORWELL, 1946), Orwell afirma acreditar que teria a vocação para escrever desde criança. Seu primeiro poema foi escrito aproximadamente aos cinco anos. Embora fosse o filho do meio, sentia-se desvalorizado e muito sozinho quando criança principalmente pela ausência do pai. Além disso, tinha dificuldades para socializar. O isolamento agregado a uma forte crença em seu poder de encarar fatos desagradáveis e em sua habilidade com as palavras lhe rendeu o desenvolvimento de hábitos peculiares de natureza introspectiva. A introspecção o levou, já aos onze anos, a escrever um poema patriótico que acabou sendo publicado em um jornal local. Aparentemente, esse poema foi inspirado pela Primeira Guerra Mundial, já que foi escrito no mesmo período. A partir de então seu relacionamento com produção literária passou a ser esporádico. Embora não escrevesse com a rotina e disciplina que gostaria ele nunca deixou de realizar o que chamou de ‘exercício literário’. Esse exercício consistia em criar narrativas sobre ele mesmo ou sobre o que observava incluindo descrições detalhadas de como percebia as situações. E assim procedeu até os vinte e cinco anos de idade. A prática desse exercício literário e o conhecimento de alguns clássicos levou-o a definir as características de seu estilo literário enquanto escritor. Entre outras coisas, ele percebeu aspirar ser um escritor de finais tristes.

Além disso, Orwell (1946) acreditava ser importante o seu leitor ter conhecimento sobre o nascimento e amadurecimento de seu processo criativo.

Eu dou toda essa informação sobre meu passado porque eu não acredito que seja possível avaliar os motivos do escritor sem saber alguma coisa sobre seu desenvolvimento inicial. Seu tema será determinado pelos anos em que ele está inserido - isso pelo menos se aplica em anos revolucionários e tumultuados como o nosso - mas antes do escritor começar a escrever ele terá adquirido uma atitude emocional da qual ele nunca poderá escapar completamente⁵. (ORWELL, 1946)

⁵ Tradução feita por mim. Original: “I give all this background information because I do not think one can assess a writer’s motives without knowing something of his early development. His subject matter will be determined by the age he lives in—at least this is true in tumultuous, revolutionary ages like our own—but before he ever begins to write he will have acquired an emotional attitude from which he will never completely escape.”

Assim, podemos também afirmar que Orwell estava conscientemente ‘contaminado’ pelo contexto ao qual estava inserido. Embora Orwell informe que entre os quatro elementos motivadores de um escritor – egoísmo, entusiasmo estético, impulso histórico e objetivo político – os três primeiros prevaleça sobre o último segundo sua personalidade, ele admite que não poderia ignorar o objetivo político levando em consideração o contexto em que vivia. Conforme ele mesmo afirma, “Em tempos de paz, eu teria escrito livros belos ou meramente descritivos, e minhas lealdades políticas poderiam permanecer desconhecidas para mim. Mas do jeito que está, estou sendo forçado a me tornar um panfleteiro⁶” (ORWELL, 1946).

Outro aspecto importante sobre a vida de Orwell foi sua instabilidade financeira. Tal situação econômica o levou a aceitar empregos indesejáveis, como por exemplo, os cinco anos na Polícia Imperial Indiana, em Burma. Segundo relatos (HITCHES, 2002; ORWELL, 1936) Orwell não apreciava o que essa profissão o fazia experimentar e desde então já tinha amadurecido um sentimento de repulsa contra o autoritarismo. No entanto, um amigo que o visitou em Burma, em 1925, o encontrou discursando sobre a lei e ordem (HITCHENS, 2002). Esse pensamento duplo explícito e a contradição entre ocupar uma posição que lhe atribuía autoridade ao mesmo tempo em que sentia repulsa pela profissão lhe rendeu muita dor⁷. Acabou por abandonar a profissão. Em seguida, enfrentou a pobreza e uma sensação de fracasso. Essas experiências de vida contribuíram para o entendimento do que seriam a classe trabalhadora, as relações de poder, opressão e imperialismo. Passar pelas dificuldades que passou o fez ter ódio por autoridades, mas ainda não tinha sido o suficiente para amadurecer uma orientação política. A Guerra Civil Espanhola que participou foi fundamental para essa definição. Orwell saiu da Guerra em 1936 decidido a escrever sempre contra o Totalitarismo e a favor do socialismo democrático da forma que ele o compreendia. Em *Why I write* (1946), Orwell afirma ser loucura viver nesses tempos e não se posicionar, não escrever sobre o que está acontecendo. Essa crença revela, a meu ver, um escritor político e decidido a fazer política na forma que lhe couber.

⁶ Tradução feita por mim. Original: “In a peaceful age I might have written ornate or merely descriptive books, and might have remained almost unaware of my political loyalties. As it is I have been forced into becoming a sort of pamphleteer.”

⁷ Hitchens (2002) sugere que essa dor será representada em personagens como Winston Smith (1984) que não tinha liberdade de pensamento e suas atitudes não eram verdadeiramente suas, mas o que esperavam dele e, por isso, vivia uma vida de mentiras.

O que eu mais quis fazer nos últimos dez anos foi transformar um texto político em arte. (...) Eu escrevo porque há uma mentira que quero expor, algum fato que quero chamar atenção, e minha preocupação inicial é ser ouvido. Mas eu não poderia ter o trabalho de escrever um livro ou mesmo um longo artigo para uma revista se não fosse também uma experiência estética.⁸ (ORWELL, 1946)

Segundo Hitchens (2002), Orwell nunca cederia às pressões da comunidade literária suavizando suas opiniões só para ter seus trabalhos publicados.

Outra característica importante de seus trabalhos é o fato de serem atemporais. Qualquer obra de Orwell poderia ser relançada sem qualquer constrangimento para o autor. Segundo Hitchens (2002), “Relendo a coleção de seus trabalhos, (...) eu me vi na presença de um escritor que é evidentemente contemporâneo⁹”. O mesmo não seria possível com outros escritores clássicos contemporâneos como H. G. Wells, George Bernard Shaw e Ernest Hemingway.

Além de atemporal, Orwell era também um visionário. Sua experiência com meios de comunicação na fase adulta, quando trabalhou por alguns anos numa seção de rádio da BBC, levou-o a popularizar conceitos midiáticos antes mesmo do surgimento do entendimento sistematizado do papel dos meios de comunicação de massa e seu poder sobre os telespectadores. Nesse sentido, podemos afirmar que Orwell era um homem a frente de seu tempo que, segundo sugere Kirschen (2008, p.161), escreveu não sobre o progresso tecnológico, mas sobre ideias futuristas.

Durante o tempo que escreveu para BBC, conviveu com interferências no seu trabalho e com a vigilância/ monitoramento sobre a divulgação de suas ideias. A propaganda também era uma constante em sua vida. A ocorrência da manipulação de informação conforme relatos seu diário pessoal (HITCHENS, 2002) certamente o inspirou criação do conceito de pensamento duplo (duplipensamento).

É possível perceber que a genialidade que encontramos em suas obras é resultante de um homem reflexivo que viveu experiências múltiplas e, por isso, trata-se não só de um homem a frente de seu tempo como também de um homem de sua própria geração que se inspirou das ideias de seu tempo para escrever sobre o

⁸ Tradução feita por mim. Original: “What I have most wanted to do throughout the past ten years is to make political writing into an art. (...) I write it because there is some lie that I want to expose, some fact to which I want to draw attention, and my initial concern is to get a hearing. But I could not do the work of writing a book, or even a long magazine article, if it were not also an aesthetic experience.”

⁹ Tradução feita por mim. Original: “Rereading his collected works, (...) I found myself in the presence of a writer who is still vividly contemporary.”

futuro (KIRSCHEN, 2008, p. 161). A seguir trataremos de observar de que forma Orwell vislumbrou o ano de 1984 a partir de 1949 anunciando os perigos de uma sociedade totalitária na era dos avanços tecnológicos e, mais importante, qual seria o papel dos proletários nesse futuro fictício e outrora não muito distante.

Oceania e os proletários

Oceania é um superestado que se encontra em guerra por tempo indeterminado ora com a Eurásia, ora com a Lestásia, sem justificativa aparente. Os cidadãos de Oceania estão divididos em três classes: Partido Interno, Partido Externo e os proletários. O Partido Interno é formado por aqueles que detêm o verdadeiro poder: é uma classe privilegiada a quem se atribui o poder de legislar, o poder do conhecimento, o poder militar e o acesso a uma qualidade de vida que não é permitida aos demais como, por exemplo, o consumo de alimentos considerados sofisticados naquele contexto como o vinho, café etc. O Partido Externo vive à sombra dos ditames de uma entidade onipresente e onisciente conhecida como 'O Grande Irmão'. Além de estar submetido a regras de natureza autoritária, esse grupo aparentemente não tem acesso aos privilégios concedidos aos membros do Partido Interno. Pode-se dizer que eram colaboradores diretos dessa sociedade já que esse grupo era responsável por executar os 'ajustes' necessários para manter o *status quo*. Já os proletários apenas existiam. O que sabemos desse grupo é o que nos é revelado a partir dos relatos de Winston Smith, o protagonista da estória e membro do Partido Externo. E é através de seu olhar que falaremos a seguir mais detalhadamente da mecânica dessa sociedade e o papel dos proletários nesse contexto.

Além da existência assustadora do Grande Irmão, uma entidade que tudo pode e tudo vê, havia também outros mecanismos de controle com o papel de cercear a liberdade de pensamento e punir qualquer indivíduo cuja atitude contrariasse os princípios organizacionais daquela sociedade. Entre eles, o instrumento de coerção mais temido era a Polícia das Ideias, uma instituição governamental responsável por identificar àqueles com pensamentos transgressores – pensamentos-crimes - para que sejam imediatamente punidos, sem direito à defesa. Havia também a teletela que, além de transmitir exclusivamente conteúdo criado pelo governo, captava imagem e todos os sons do ambiente que

ultrapassassem o nível de um sussurro muito discreto (ORWELL, 1940, p. 12-13). Nesse clima de monitoramento ostensivo, Winston procurava manter uma expressão de “tranquilo otimismo” principalmente quando estava exposto à teletela (ORWELL, 1949, p. 15).

Para contribuir com a política de vigilância e controle, foram criados também ministérios cujos nomes não correspondiam necessariamente às suas reais atribuições. Segundo Keller (2008, p.102), “O Grande Irmão nomeia ‘erradamente’ suas instituições políticas e sociais para criar uma conotação positiva e promover o engajamento da prática do duplimentamento (...)”¹⁰. Assim, o Ministério da Paz, por exemplo, era o responsável por promover e manter a guerra. Havia também o Ministério da Verdade que, embora se dissesse responsável pelas notícias, entretenimento, educação e belas-artes era, na verdade, responsável por manipular informações e fatos, além de criar e divulgar as mentiras que sustentavam e legitimavam o governo de situação. Assim, “(...) se todos os registros contassem a mesma história, a mentira tornava-se história e virava verdade. ‘ Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado’, rezava o lema do Partido.” (ORWELL, 1949, p. 47). Conforme sugere Keller (2008), o lema era: desinformar para controlar.

Além das pré-fabricadas canções de ódio, havia também reuniões conhecidas como ‘Dois Minutos Ódio’ que eram sessões aparentemente diárias de lavagem cerebral que contavam com a presença de todos. Essas sessões atualizavam rotineiramente o que e quem deveria ser temido e quem ou o que seria o salvador desse mal temido. O principal inimigo do povo era Emmanuel Goldstein, o contrarrevolucionário, “(...) traidor original, o primeiro conspurcador da pureza do Partido. Todos os crimes subsequentes contra o Partido, todas as perfídias, sabotagens, heresias, todos os desvios eram resultado direto de sua pregação” (ORWELL, 1949, p.22). Não se sabia de seu paradeiro, mas todos acreditavam nele como uma ameaça real. O mais importante dessas sessões de ódio é que, segundo o próprio Winston, todos tinham um papel a representar através da manifestação

¹⁰ Tradução feita por mim. Original: “Big Brother misnames its social and political institutions in order to create positive connotations and engage the practice of double-think – the place of torture and interrogation named the ‘Ministry of Love’ or the source of propaganda dubbed the ‘Ministry of Truth’.”

pública de desprezo e raiva por tudo àquilo que contrariasse o governo de situação, com a exceção dos proletas, ninguém podia ficar passivo às expressões de ódio.

Aos cidadãos de Oceania era negada não só a liberdade de expressão, como também a de locomoção. Segundo Winston, embora não houvesse lei que especificasse os lugares que podia ou não frequentar, a frequência de membros do Partido a estabelecimentos comerciais comuns não era recomendada. Esses estabelecimentos eram áreas de 'livre comércio' onde se encontrava itens cuja comercialização não era autorizada pelo governo. O consumo desses itens podia ser interpretado como um desvio de conduta, o que resultaria em prisão ou até morte. Sair para caminhar sozinho ou qualquer outra atividade que sugerisse gosto pela solidão também deveria ser evitada. Quando não estivessem trabalhando, comendo ou dormindo os membros do Partido deveriam estar engajados em alguma atividade comunitária onde seriam meticulosamente monitorados. A indústria de massificação objetivava o coletivismo e a uniformidade de pensamento para atender aos interesses do Estado. Já os proletários como não estavam submetidos a essas estratégias de controle, podiam exercer sua individualidade mais livremente.

O casamento era mais uma instituição governamental e como tal era submetido à aprovação de comissão. A atração física e o exercício do amor e prazer mútuo estavam estritamente proibidos. Pertencer à Liga Juvenil Antissexo conferia às mulheres um status na sociedade, pois ao vestir na cintura uma faixa escarlate assumia publicamente sua aversão ao sexo e sua dedicação ao Grande Irmão. Os membros do Partido Externo deveriam casar-se entre si única e exclusivamente para fins de reprodução. Na ausência de filho, o Partido estimulava a separação. Já os filhos que eram gerados a partir dessa união tinham o dever de servir ao Grande Irmão. Normalmente, ainda crianças, se afiliavam à Liga dos Espiões e da Juventude e tornavam-se espiões dentro da própria casa. Tinham a função e autoridade para denunciar e entregar qualquer membro que apresentasse desvios de pensamento ou comportamento. Nesse sentido, a família era uma extensão da Polícia das Ideias.

Com as restrições da liberdade sexual era possível que alguns homens saíssem às ruas à procura de se satisfizer com mulheres de bairros mais pobres que vendiam o próprio corpo. Conforme sugere Keller (2008, p. 98), essas medidas que

restringiam ou até mesmo eliminavam a qualidade da interação humana objetivavam controlar as lealdades individuais que deveriam ser somente para o Estado.

Semanalmente, vinte a trinta bombas foguetes caíam sobre Oceania. Segundo Keller (2008, p.92) esse estado de guerra era uma estratégia necessária não só para distrair a população, mas também para legitimar todos os atos autoritários do governo, além de justificar as altas demandas de sacrifício pessoal impostas aos membros daquela sociedade. Assim, as rações de chocolate diminuía, comida e o gim nocivo de péssimas qualidades eram servidos, a qualidade de vida era decadente, mas ninguém ousava questionar já que todos os sacrifícios eram em prol de uma sociedade necessitada e de um governo 'protetor'. Através da mídia, as pessoas eram condicionadas a acreditar que a soberania nacional estava ameaçada e que um governo totalitário era necessário para evitar o colapso. Ao mesmo tempo, a mídia também fazia propaganda de um Estado inatacável, o que também legitimava e justificava suas ações.

O slogan do Socialismo Inglês (Socing) resumia de forma enxuta os princípios que regiam os membros do Partido Externo em Oceania:

GUERRA É PAZ
LIBERDADE É ESCRAVIDÃO
IGNORÂNCIA É FORÇA

Em outras palavras, o Partido Interno governava na base da guerra, escravidão e da ignorância. É nesse contexto que Winston, insatisfeito com a precariedade, indignidade, indiferença, as mentiras e o cinismo da vida moderna, deposita sua esperança nos proletários (ORWELL, 1949, p. 93). Porém, teriam os proletários alguma chance?

A verdade é que pouco se sabia sobre os proletas. Acreditava-se que nem fossem humanos (ORWELL, 1949, p.69) e eram até mesmo considerados "(...) inferiores naturais que deviam ser dominados como animais (...)" (*op.cit*, p.90). Segundo Patai (1982, p.859), os proletas eram considerados insignificantes para o Partido e por isso ninguém se importava realmente com eles. Embora insignificantes para o Partido, havia uma preocupação do governo – talvez a única - em relação a esse grupo: a de mantê-los sempre no mesmo nível intelectual. Essa preservação acontecia através dos esforços de um departamento especial dentro do Ministério da Verdade em reproduzir jornais populares, filmes, peças dramáticas, romances, etc.

com o conteúdo de um nível qualitativamente inferior, para consumo apenas entre os proletários. Era comum entre os proletariados a circulação de romances com títulos “Casos de espancamento” ou “Uma noite num internato de garotas” (ORWELL, 1949, p. 158).

Havia inclusive uma subseção inteira (...) dedicada à produção do tipo mais grosseiro de pornografia, que era despachado em embalagens fechadas e que nenhum integrante do Partido, salvo os envolvidos em sua produção, tinha a permissão de ver. (ORWELL, 1949, p. 58)

Mesmo à margem dessa sociedade e abandonados à própria sorte, a verdade é que os proletas eram a massa absoluta. Representavam oitenta e cinco por cento da população de Oceania. Esse fato era suficiente para fazer Winston acreditar firmemente que eles tinham a força necessária, representada em números, para mudar o *status quo*.

Se é que havia esperança, a esperança só *podia*¹¹ estar nos proletas, porque só ali, naquelas massas desatendidas, naquele enxame de gente, (...), havia possibilidade de que se gerasse a força de destruir o Partido. (ORWELL, 1949, p. 88)

No entanto, seria ‘quantidade’ fator suficiente para desencadear uma emancipação?

Winston observou que não só os números favoreciam os proletariados. O partido não se interessava em doutriná-los com a ideologia vigente e eles não tinham a teletela em casa. Era um mundo paralelo onde tudo era permitido, da sexualidade à criminalidade, e nada era reprimido. Eles eram livres para o bem e para o mal e nenhuma autoridade se importava com isso. Porém, apesar de toda liberdade de que gozavam, as mulheres pareciam sempre ocupadas e distraídas por suas preocupações diárias de cunho egoístas. Conforme exemplifica Winston, certo dia ouviu um tumulto de vozes em uma rua e pensou “Começou! (...) Uma revolta! Os proletas estão se libertando, finalmente!” (ORWELL, 1949, p.89). Ao se aproximar constatou que a gritaria fora motivada por uma simples briga por panelas. Winston, decepcionado, pensou “Por que razão aquelas gargantas não poderiam ser capazes de gritar daquele jeito a alguma coisa realmente importante?” (ORWELL, 1949, p.90). Não só as mulheres, mas os proletários de um modo geral pareciam ter um comportamento padrão que os tornavam fáceis de serem controlados,

¹¹ Grifo do autor

Nasciam, cresciam pelas sarjetas, começavam a trabalhar aos doze anos, aos trinta chegavam à meia idade, em geral morriam aos sessenta. Trabalho físico pesado, cuidados com a casa e os filhos, disputas menores com os vizinhos, filmes, futebol, cerveja e, antes de mais nada, jogos de azar, preenchiam o horizonte de suas mentes. (ORWELL, 1949, p. 90)

A Loteria talvez fosse o evento que mais despertasse interesse dos proletas, era quase como se vivessem em função disso. Segundo Patai (1982, p. 858), a loteria não era permitida pelo Partido por acaso. Esse tipo de jogo, por ser jogo de azar, ratificava a arbitrariedade da vida e a falta de poder dos proletários (PATAI, 1982, p.858). Contudo, Winston não perdia a esperança e conjecturava que talvez a conscientização não só da péssima qualidade de vida que levavam, como também da força que possuíam pudessem contribuir para despertá-los para uma revolução. Foi então que um dia viu um senhor de aproximadamente oitenta anos. Ao pensar em tudo que esse senhor provavelmente já teria vivido, identificou-o como um dos poucos “elos existentes com o extinto mundo do capitalismo” (ORWELL, 1949, p.107). Por isso, imaginou que ali talvez pudesse encontrar o conhecimento que lhe faltava, a fonte de sabedoria e os recursos necessários para trazer à tona a consciência que desencadearia uma reação contra esse sistema. Decidiu ir ao seu encontro e interrogá-lo no bar já que não havia teletela no local. Porém, provavelmente por falta de estímulo cognitivo ou mesmo por indiferença a todas as mudanças que ocorreram na sociedade ao longo dos anos ou por ambos os motivos, o senhor em questão não conseguia conversar coerentemente e nenhuma das respostas dadas eram objetivas e satisfatórias. Winston concluiu automaticamente que

(...) os poucos e esparsos sobreviventes do mundo antigo que ainda era possível encontrar mostravam-se incapazes de comparar uma era com a outra. Recordavam milhões de coisas fúteis, a briga com um colega de trabalho, (...), porém todos os fatos relevantes permaneciam fora do alcance de sua visão. (ORWELL, 1949, p. 114)

Winston constatou então que confiar aos proletas o ato heroico de salvar uma sociedade inteira era definitivamente uma **Utopia** dentro da distopia.

No entanto, mesmo após esse episódio Winston parece não perder a fé nos proletas. Mais adiante, num momento de epifania, ele chega à conclusão de que “Os proletas são seres humanos’ (...) ‘Nós – membros do Partido – não somos humanos’” (ORWELL, 1949, p. 198). Esse entendimento surgiu a partir da

observação de que o esse grupo, embora marginalizado, era livre não só enquanto cidadão, mas também enquanto indivíduo. Eles podiam amar, ajudar ou serem leais a quem quisesse sem serem questionados.

E a dúvida permanece: Teriam os proletários realmente condições para conseguirem alguma forma de emancipação?

Considerações finais

Por fim, gostaria de refletir brevemente sobre pergunta que encerra a seção anterior à luz das ideias que foram observadas dentro da própria obra **1984** e das experiências reais do autor, que vivera em uma sociedade em estado guerra, conforme exposto em capítulos anteriores. Orwell teve uma vasta experiência de vida que lhe permitiu avaliar as situações sob diversas perspectivas. Embora pertencesse originalmente a uma família de classe média levou boa parte de sua vida sem muitos recursos financeiros. Possivelmente, foram justamente essas várias vivências aliadas à sua boa formação intelectual que permitiram que se tornasse sensível às dificuldades daquelas pessoas que, embora representassem a maioria, pareciam não reagir no sentido de buscar por mudanças que as favorecessem. Acredito que Orwell, em **1984**, expressa suas variadas teorias ora através das percepções e reflexões de Winston, ora através do livro proibido “Teoria e prática do coletivismo Oligárquico”, ora através do mítico inimigo do Partido, o Goldstein e ora através do próprio O’Brien. Através de Winston, Orwell tentou mostrar que existe uma categoria que, talvez, se se interessasse ou se tivesse condições ideais, pudesse promover mudanças em prol da maioria dos cidadãos. Embora Winston chegasse a perceber que os proletários, mesmo livres, não apresentavam o desejo de reagir contra *status quo* estabelecido, permaneceu esperançoso até o momento em que estava sob tortura quanto à possibilidade de revolução por parte dessa maioria que se encontrava à margem da sociedade e injustiçada. Concomitantemente, através da tentativa fracassada de diálogo entre Winston e proletários e através das teorias do livro proibido de Goldstein, Orwell parece sugerir que a aparente negligência por parte dos proletários talvez fosse justificada pela falta de condições ideais, sejam intelectuais e/ou sociais, para que a tal revolução acontecesse.

Porque se lazer e segurança fossem desfrutados por todos igualmente, a grande massa de seres humanos que costuma ser embrutecida pela pobreza se alfabetizaria e aprenderia a pensar por si; e depois que isso acontecesse, mais cedo ou mais tarde essa massa se daria conta de que a minoria privilegiada não tinha função nenhuma e acabaria com ela. (ORWELL, 1949, p.227)

Assim, é sugerido que a oportunidade de mudanças surgiria através da melhora da qualidade de vida dessa população que se encontra à margem. Essa maioria que se encontra “embrutecida pela pobreza”, uma vez ‘lapidada’ através da educação, saúde, lazer e segurança, teriam condições de deixar de serem oprimidos e “aprenderiam a pensar por si” (*op.cit.* p. 227). Justamente por carecerem desses direitos o próprio Goldstein através do livro proibido afirma que

A rebelião física, ou toda e qualquer movimentação preliminar no rumo da rebelião, é impossível no momento. Nada a temer do lado dos proletários. Abandonados a si mesmos, continuarão trabalhando, reproduzindo-se e morrendo de geração em geração, século após século, não apenas sem o menor impulso no sentido de rebelar-se, como incapazes de perceber que o mundo poderia ser diferente do que é. (ORWELL, 1949, p. 247)

Num outro extremo, O’Brien, que posteriormente revela ser um dos autores do ‘livro proibido’ é categórico em afirmar que os proletários nunca se revoltarão por motivos que provavelmente já estariam claros para Winston.

Assim, Orwell, de forma muito bem articulada, mostrou as percepções e os sentimentos conflituosos que certamente fez parte de uma geração de esperançosos e desesperançosos do passado e continua extremamente relevante para o mundo contemporâneo (KIRSCHEN, 2008, p.161-162). É importante observar que, por ser um visionário, escreveu de forma que os leitores de hoje, mesmo vivendo em momentos de relativa paz, possam refletir criticamente sobre as consequências da predominância e concentração do poder nas mãos de uma minoria desinteressada em despertar consciências e promover a autonomia dos cidadãos. É preciso aprender a pensar por si e, conforme pode ser observado em **1984**, a ‘política do pão e circo’ não ajuda a sociedade a despertar consciências.

Referências

FITTING, P. A Short History of **Utopian Studies**. **Science Fiction Studies (SF-TH Inc)**, v. 36, n. 1, p. 121-131, mar. 2009. Acesso em: 19 ab. 2013.

KELLER, J. R. 1984 and the Dytopian Genre. In: **V for Vendetta as Cultural Pastiche: A critical Study of the Graphic Novel and Film**. Carolina do Norte e Londres: McFarland & Company, 2008, Cap. 5, p.90 -104.

KIRSCHEN, R. M. Modernists and the New Millennium: Twenty-First-Century Perspectives on Orwell, Fitzgerald and Hemingway. **Journal of Modern Literature**, Indiana University Press, v. 31, n. 3, p 159-164, Spring 2008. Acesso em: 21 mar. 2013.

KISER, E.; DRASS, K., A. Changes in the Core of the World-System and the Production of **Utopian** Literature in Great Britain and the United States, 1883-1975. **American Sociological Association**, v. 52, n. 2, p 286-293, apr.1987. Acesso em: 13 ago. 2014.

HITCHENS, C. **Why Orwell Matters**. New York: Basic Books, 2002. 228 p.

HOBSBAWN, E. **Era dos Extremos: O breve século XX**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 598 p.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. 23 ed. São Paulo: Globo de Bolso, 1932. 308 p.

MOORE, A.; LLOYD D. **V for Vendetta**. New York: DC Comics, 1989. 288 p.

ORWELL, G. Shooting an Elephant (1936). **Fifty Orwell Essays**. A Project Gutenberg of Australia eBook. Australia, jan. 2010. Disponível em 24 nov. 2014.

_____. Why I Write (1946). **Fifty Orwell Essays**. A Project Gutenberg of Australia eBook. Australia jan. 2010. Disponível em 24 nov. 2014.

_____. **1984**. 21 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1949, 414p.

_____. **Lutando na Espanha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 239

PATAI, D. Gamesmanship and Androcentrism in Orwell's 1984. **Modern Language Association**, v. 97, n 5, p 856-870. out.1982. Acesso em: 17 out. 2013.

Recebido em 15 de fevereiro de 2015
Aprovado em 22 de maio de 2015